

REPRESENTAÇÕES À MARGEM DO FUTURO PROMISSOR: VIOLÊNCIA, CRIANÇAS E JOVENS EM CAPITÃES DA AREIA

Valéria Cristina Ribeiro Pereira¹
Viviani Basílio de Alencar²

RESUMO

Este texto tem como objetivo apontar para algumas reflexões, de maneira bastante inicial, acerca da problematização da violência na obra **Capitães da areia**, de Jorge Amado, buscando um olhar mais atento para sua aproximação com a infância e a juventude, lidas nas representações do citado universo ficcional. Diante das relações estabelecidas entre as personagens, ao longo da obra, observam-se aspectos da violência, nas tipologias física, verbal e psicológica, praticadas contra a infância e a juventude das personagens, que, por sua vez, acabam praticando, também, violência contra a sociedade. Situados à margem, os personagens oferecem-nos possibilidades de análise, cujo entendimento extrapola a gratuidade, com a finalidade de problematizar a realidade, a partir da literatura. A relevância da reflexão em torno do conceito de violência está aqui atrelada à busca por ampliar a visão do leitor, no que se refere às relações entre personagens, estabelecidas em **Capitães da areia**.

Palavras-chave: Representações. Violência. Infância. Juventude.

1 INTRODUÇÃO

A obra **Capitães da areia**, de Jorge Amado, tem possibilitado estudos diversos sobre a temática da violência em diferentes áreas, tais como, a psicologia, assistência social, o direito, etc. Nesses casos, os estudos buscam, no material ficcional da literatura, formas de compreensão dos problemas reais. No caso deste texto, a análise procura, antes, enxergar a problematização da violência, representada na obra citada, como recurso de denúncia. A violência, exercida e praticada por crianças e jovens, contra outros personagens do segmento da sociedade tradicional baiana. Esta, mantenedora do *status quo*, é alvo dos transgressores da lei, cuja atitude violenta sobre ela incide, como resposta ao tratamento engendrado por esta mesma sociedade.

¹ Doutora em Letras pela PUC-Rio. Professora do Programa de Mestrado em letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Líder do Grupo de pesquisa Estudos avançados sobre a formação do leitor.

² Mestranda em Letras no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF).

A margem para crianças e jovens está para nós caracterizada como o lugar indesejado, a vida do trapiche, o indefinido, o não lugar, o desconfortável, gerado pelo abandono a que foram submetidos os personagens. E isso se desdobra por toda a ficção.

Nesse viés, pela problematização na obra literária **Capitães da areia**, é possível afirmar que a violência exercida pelos personagens, crianças, adolescentes e jovens, desse universo ficcional, à sociedade baiana, trata-se de uma resposta e/ou um reflexo da violência que esta mesma sociedade exerceu sobre os citados personagens.

Face às afirmações, o presente artigo³ pretende, a partir da compreensão do campo da literatura, identificar e analisar algumas representações da violência contra a infância e a juventude na obra **Capitães da areia**, de Jorge Amado. Para tanto, levantará dados teóricos acerca dos estudos sobre violência, ainda numa abordagem bastante inicial, articulados à obra mencionada.

Diante das relações estabelecidas entre as personagens, ao longo da obra, Jorge Amado descreve a realidade de meninos que vivem em um velho trapiche abandonado, na cidade de Salvador. Oriundos das camadas populares, sem alicerce familiar e/ou do Estado, acabam se utilizando de meios considerados ilegais para sobreviver. Por este motivo, são perseguidos pelas autoridades e estigmatizados pela sociedade. Dentro desse panorama, Sudbrack faz uma breve análise do contexto social brasileiro:

No Brasil, durante as últimas décadas, o Estado sustentou a acumulação do capital com a manutenção de práticas oligárquicas de apropriação do aparelho estatal, preservando assim as relações sociais autoritárias e excludentes. O modelo de desenvolvimento perpetua-se através de um processo de elitização como resultado da brutal concentração de renda. Com isso, retroagimos a uma realidade social do século XIX com um “exército de reserva” que, sem emprego e sem perspectivas de futuro, engrossa as fileiras da marginalidade, constituindo-se nas chamadas classes perigosas, de onde provém a maioria das vítimas combatidas cotidianamente pelo aparelho policial, enquanto inimigos da sociedade. (SUDBRACK, 2010, p.112, grifo do autor).

³ As reflexões desse artigo fazem parte dos estudos preliminares da pesquisa desenvolvida pela mestrandia Viviani Basílio de Alencar, para escrita de sua dissertação, provisoriamente intitulada, **Ora marginais, ora marginalizados: um olhar sobre as representações da violência contra a infância e a adolescência em Capitães da areia**, no Programa de Mestrado em Letras, do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF), na linha de pesquisa Literatura Brasileira: enfoques transdisciplinares e transmidiáticos”, com orientação da Prof.^a Dr.^a Valéria Cristina Ribeiro Pereira.

Tendo em vista as relações conflitantes em **Capitães da areia**, observam-se meios variados de violência e, dentre eles, serão destacados: a violência física, a violência psicológica e a violência verbal, praticadas contra a infância e a adolescência.

Percebe-se, na obra, que o autor fornece pistas de que essa violência praticada pela sociedade acabava voltando para a mesma. Este fato ocorre principalmente devido à ausência de amparo a estas crianças e adolescentes.

Como forma de proporcionar maior compreensão e entendimento desse estudo, será relevante, também, refletir sobre o conceito de violência, ampliando a visão do leitor no que se refere às relações interpessoais, estabelecidas em **Capitães da areia**.

2 A PROPOSTA DE JORGE AMADO EM CAPITÃES DA AREIA: REPRESENTAÇÕES DO REAL FUTURO (NÃO) PROMISSOR

A obra aqui tratada, **Capitães da areia**, apresenta uma proposta de trabalho de seu autor, cuja relevância está associada às opções de denúncia social do escritor e, por isso, faz-se relevante trazer à tona, de forma breve, dados biográficos do autor da obra selecionada como *corpus* do estudo, para melhor contextualizá-los, autor e obra.

Jorge Amado, este importante escritor brasileiro, nasceu em 10 de agosto de 1912, no Estado da Bahia. Filho de João Amado de Faria e de Eulália Leal Amado, Jorge Amado formou-se pela Faculdade Nacional de Direito, no Rio de Janeiro, em 1935. Casou-se pela primeira vez em 1933, com Matilde Garcia Rosa e separou-se em 1944. Em 1945, casou-se com sua segunda esposa, Zélia Gattai, com quem viveu até o fim da vida. Teve participação intensa na política. No que se refere à sua obra, seu primeiro romance, *O país do carnaval*, foi publicado em 1931, no entanto, somente em 1955, ele passou a se dedicar inteiramente à literatura. Teve suas obras adaptadas para o cinema, para o teatro e para a televisão, além de seus livros serem traduzidos em vários idiomas. Jorge Amado faleceu em Salvador, no dia 06 de agosto de 2001. De acordo com Mario Cesar Miranda Melo, 2009,

[...] Jorge Amado, [...] em 1935 e 1937 escreveu dois romances sobre um dos maiores problemas sociais que o Brasil enfrentaria durante o resto do século XX [...], o da criança de rua. Seus dois romances, *Jubiabá* e *Capitães da Areia*, foram queimados em praça pública e proibidos no Brasil até 1944, acusados de propagarem a doutrina comunista. Os dois livros mostram a violência com que as crianças reagem quando submetidas à violência de uma sociedade cruel e desigual. (MELO, 2009. p.5).

Na obra **Capitães da areia**, Jorge Amado retratou o cotidiano de menores abandonados, que viviam em um velho trapiche, no cais do porto e eram liderados por um adolescente conhecido como Pedro Bala. Este e outros vários romances da literatura brasileira tratam de diferentes questões vividas no cotidiano, possibilitando o entendimento de que “[...] a literatura contribuiu com eficácia maior do que se supõe para formar uma consciência nacional e pesquisar a vida e os problemas brasileiros. [...]” (CANDIDO, 2000, p.121).

Inicialmente, a obra apresenta uma reportagem fictícia sobre um assalto à casa de um rico negociante e os Capitães da Areia são acusados pelo ocorrido. Após a reportagem, há uma sequência de cartas enviadas ao jornal, sendo duas de autoridades, secretário do chefe de polícia e juiz de menores, respectivamente.

Em seguida, a carta de uma mãe que teve o filho preso em um reformatório, denuncia as condições de tratamento dadas aos jovens neste local. Logo após, a carta do Padre José Pedro, que confirma a denúncia desta mãe e, por último, a carta do chefe do reformatório, negando a denúncia feita anteriormente.

Depois da sequência de cartas, Jorge Amado descreve o velho trapiche abandonado, onde os Capitães da areia moravam. Logo a seguir, ele apresenta alguns personagens importantes e, no decorrer do romance, descreve a vida destas crianças e jovens abandonados, que precisavam sobreviver de alguma forma, pois não podiam contar com amparo familiar.

[...] Os genitores possuem relação íntima com a ideia de desamparo (econômico e afetivo). É evidente que, se não há um ambiente sadio e acolhedor na própria casa, a criança e o adolescente o procurará em outros lugares. [...] (MORAES; MELO, 2016, p.11)

Devido ao desamparo e aos maus tratos ocorridos no ambiente familiar, várias crianças e adolescentes acabam indo morar nas ruas. Fatos como estes, ocorridos na vida real, foram perfeitamente representados, por Jorge Amado em **Capitães da areia**, podendo ser exemplificados pelo fato de Pedro Bala ir para as ruas, depois de ficar órfão, caso ocorrido, também, com o personagem de Volta-Seca. Outro personagem que ficou órfão foi Dora, no entanto, seus pais não foram assassinados, morreram devido à epidemia de varíola. Desse modo, as histórias da ficção vão se misturando e representando a vida real.

Pedro Bala e seu bando passam por experiências de vida variadas nas ruas da Bahia, tornando-se evidente, em determinados momentos, o comportamento exaltado,

de quem precisa sobreviver a qualquer custo, roubando, trapaceando em jogos ou até mesmo brigando nas ruas; em outros momentos, evidencia-se uma ingenuidade e um comportamento infantil, típicos de meninos da idade na qual se encontravam. Na passagem a seguir, pode-se ver uma das formas como organizavam seus assaltos.

[...] Depois encontrou os Capitães da Areia (foi o Professor quem o trouxe, haviam feito camaradagem num banco de jardim) e ficou com eles. Não tardou a se destacar porque sabia como nenhum afetar uma grande dor e assim conseguir enganar senhoras, cujas casas eram depois visitadas pelo grupo já ciente de todos os lugares onde havia objetos de valor e de todos os hábitos da casa. E o Sem-Pernas tinha verdadeira satisfação ao pensar em quanto o xingariam aquelas senhoras que o haviam tomado por um pobre órfão. Assim se vingava, porque seu coração estava cheio de ódio[...] (AMADO, 2016, p.31).

215

Já o comportamento ingênuo e infantil pode ser percebido em outra passagem do livro, em que Sem-Pernas, o mesmo jovem citado acima, ficou deslumbrado, ao andar em um carrossel de parque:

Depois vai o Sem-Pernas. Vai calado, uma estranha comoção o possui. [...] Os lábios estão apertados, seus ouvidos não ouvem a música da pianola. Só vê as luzes que giram com ele e prende em si a certeza de que está num carrossel, girando num cavalo como todos aqueles meninos que têm pai e mãe, e uma casa e quem os beije e quem os ame. [...] (AMADO, 2016, p.62).

Nota-se, nas passagens, que um mesmo menino passou por experiências completamente opostas e comporta-se de maneiras diferentes, diante do momento e das oportunidades que lhe são apresentadas.

No que diz respeito ao furto, além do sentimento de vingança em relação àqueles que eram economicamente favorecidos e nada faziam para ajudá-los, havia, também, a necessidade de os meninos roubarem-lhes para que pudessem usar o dinheiro no próprio sustento. Quanto à experiência tipicamente da infância, vivenciada por este menino abandonado, demonstrou que, independentemente do lugar que esta criança ocupasse na sociedade, ela seria sempre criança, com sonhos, desejos e necessidades típicos de sua idade.

3 CRIANÇAS E JOVENS À MARGEM: VIOLÊNCIA, ABANDONO E DESAMPARO

De acordo com o que apresentam os estudos realizados, família e estado são responsáveis por diretrizes capazes de proporcionar desenvolvimento adequado a

crianças e jovens. Segundo Carvalho (2010, p.33), “A família é um grupo primordial no âmbito do desenvolvimento de sujeitos psíquicos singulares, bem como na formação ideológica dos cidadãos que a compõem.”

No entanto, se esta família não se faz presente e se o Estado, conforme afirmam MORAES e MELO (2016), ainda mantém ausência de proteção integral a estas crianças e jovens, mesmo após a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), possivelmente será evidenciado um problema de cunho social. E este problema foi representado pelo autor em sua obra.

Dessa forma, podem-se atribuir estas alterações bruscas de comportamento dos Capitães da Areia à falta de direcionamento, de ensinamentos, ou seja, de uma estrutura familiar.

Crianças e adolescentes, que, por vários motivos, foram morar nas ruas de Salvador, sendo violentadas de forma física, verbal e psicológica pela sociedade em geral, acabaram devolvendo esse tratamento à sociedade, em forma de mais violência. Segundo Chauí (2011),

A ética se opõe à violência, palavra que vem do latim e significa: 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror. [...] (CHAUI, 2011, p.1).

Estudos aqui elencados apontam para o fato de que a violência sofrida/exercida pelos Capitães da Areia tinha como origem, a falta de amparo familiar. No entanto, o Estado poderia também ser responsabilizado por este desamparo. Rabelo e Nascimento relatam que:

O primeiro instrumento a prever normas de assistência e proteção aos menores foi o Código de Menores do Brasil, Decreto nº 5.083, de 01 de dezembro de 1926, posteriormente revogado pelo Decreto nº 17.943-A, de 12 de outubro de 1927, conhecido como Código Mello Mattos, que consolidava as leis de assistência e proteção a menores (RABELO; NASCIMENTO: s/d, p.6).

O artigo 1º, do referido decreto, previa que o menor de 18 anos, abandonado ou delinquente, deveria ser submetido às medidas de assistência e proteção, pelas

autoridades competentes. Já no artigo 26, esclarece-se qual menor de 18 anos poderia ser considerado abandonado, segundo a lei. “I. que não tenham habitação certa, nem meios de subsistência, por serem seus pais falecidos, desaparecidos ou desconhecidos ou por não terem tutor ou pessoa sob cuja guarda vivam;” (BRASIL. Código de Menores, 1979 apud RABELO; NASCIMENTO, s/d).

Diante do exposto acima, pode-se dizer que o inciso I, do artigo 26, do referido decreto diz respeito às diferentes situações vividas pelos Capitães da Areia. Estavam nas ruas, sem a proteção das famílias, cometendo pequenos delitos para sobreviverem, suscetíveis ao recolhimento nos orfanatos ou nos reformatórios, sendo que este último utilizava-se de castigos violentos, buscando “reformatar” seus internos. Atos violentos como os representados na obra, não conseguiam “reformatar” nenhum daqueles meninos, apenas os instigava ainda mais, a trilhar os caminhos da marginalidade.

Torna-se importante destacar o que Machado e Sanches (2014) dizem em relação à sociedade e à violência:

[...] a sociedade ao tornar-se conivente e/ou omissa perante casos de violência, contribui de certa forma com a aniquilação do passado, do presente e o futuro. Ou seja, aprisiona-se a criança a traumas, medos e fobias fazendo-a esquecer-se do seu passado, que por sua vez não há boas recordações para carregar consigo. O presente se torna insípido, e o futuro fica à mercê da sorte, devida a baixa auto-estima em tentar um posicionamento e se auto afirmar perante uma sociedade excludente [...] (MACHADO; SANCHES, 2014, p.180).

O desamparo familiar, social e do Estado juntamente com atos de violência em relação às crianças e aos adolescentes, representados em **Capitães da areia**, favorecem uma formação desequilibrada e desordenada desses indivíduos. Desse modo,

[...] as crianças pobres representadas na literatura brasileira deixam de ser frágeis e desamparadas, passando a reagir à violência que sofrem, talvez não da forma ideal, mas da única forma possível: com mais violência [...] (MELLO, 2009, p.54).

Um deslocamento no tempo permite-nos fazer uma relação com nossos dias, para dizer que, atualmente, existem leis de amparo à criança e ao jovem, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), mas de acordo com Botoso e Pauletti (2012),

[...] muitas mudanças ocorreram em nosso país em todos os sentidos, mas o planejamento social, a qualidade e as condições de vida de muitos continuam as mesmas retratadas no universo ficcional criado pelo escritor baiano (BOTOSO; PAULETTI, 2012, p.20).

A afirmação no recorte denuncia a falta de interesse e investimentos maciços no(s) setor(es) responsável(is) pela temática aqui abordada, mostrando que grande parte de tudo isso corre à revelia do poder público. Toma-se como base o sucateamento da educação pública, quadro que, se modificado, reverteria para um aspecto positivo, de forma significativa, a vida de crianças e adolescentes. É preciso refletir sobre as condições existentes e as condições desejadas, pois

218

[...] o ideal de transformação social se dá quando a desigualdade não é a justificativa para apartar uma criança do convívio social, mas sim o impulso real para aplicação da justiça e formação de uma identidade cidadã. Somente com a atuação conjunta – e genuína - da sociedade, da família e do Estado (principalmente) é que ter-se-á novos horizontes (MORAES; MELO, 2016, p.18).

De acordo com o recorte anterior, a responsabilidade por proporcionar condições adequadas de desenvolvimento às crianças e jovens está com a família e o estado. Na obra estudada, podemos destacar a falha destas duas instituições, corroboradas pela sociedade da época descrita por Jorge Amado.

Tal situação representada, ainda hoje, apresenta semelhanças com o quadro atual, revelando que o futuro promissor de muitas crianças e jovens encontra-se à margem da sociedade reconhecida e respeitada pelos cidadãos de bem em geral. O recorte a seguir, retirado de estudos sobre leitura, é elucidador da questão analisada e deixa transparente o pensamento do jovem nesse sentido.

De outro lado, /.../ um estudante, /.../ vendo a alteridade que não o enxerga, revela-nos o lugar de onde profere seu discurso na sociedade: o lugar da invisibilidade. É o lugar de quem precisa “jogar pedra, apagar a luz, quebrar lâmpadas e dar um tapa na cara da humanidade”. Intertextualizando com a canção *Último Dia*, em bom português, o autor desse texto, em consonância com a noção de autoria de Signorini, atreve-se a bater nas instituições do sistema, escancarando o desconcerto do seu mundo. Escapam de sua violência verbal — que não sabemos se um dia serão ações — a família, os amigos, os colegas no jogo de futebol e, os inimigos, sim. E quem nos ensina a perdoar os nossos inimigos? Eis a escrita do sujeito-leitor-autor, carregada de contradições, mas que se inscreve na história de um “círculo de leitura”: Se hoje fosse meu último dia.../ Eu jogaria pedra no carro da polícia/ Chamaria o pastor de **viado**⁴./ Desligaria a luz das pessoas. /Perdoaria meus inimigos/ Quebraria varias lampadas dos postes/ Jogaria futebol com os colegas/ Aproveitaria o

⁴ Grifo da autora do artigo que optou pela manutenção do pensamento do autor do texto na íntegra, porque a carga semântica contida nos usos dos vocábulos precisou ser considerada na análise.

maximo a família e os amigos/ Daria meu ultimo Beijo e falava/ “Isso é um tapa na cara da humanidade”/ Em fim meu dia acabaria (PEREIRA, 2015, p.396).

É como forma de dar visibilidade a esta questão que a obra **Capitães da areia** é aqui enfocada, sob o aspecto da violência contra a infância e a juventude, pois tratam das diferentes formas de violência presentes na sociedade.

4 CONCLUSÃO

Face a todo o exposto até aqui, destacam-se das falas estudadas em projetos escolares de leitura, a credibilidade dada à Escola, por alguns estudantes, enquanto instituição capaz de transformar realidades.

E, olhando para a moldura do quadro a nossa frente, percebemos a resposta que precisamos devolver, durante as aulas de bom português, ou seja, aquela que vai ao encontro da crença de outra estudante, que não a “**impede**” de sonhar com o futuro, trazido por uma escola transformadora. Ela dá conselhos a Marvin, da canção **Marvin**, dos Titãs: “—Marvin, não tinha necessidade de você ter deixado de ir à escola/.../ porque estudando é que a gente consegue ter um futuro melhor, pelo menos tentamos, né?” (PEREIRA: 2015, p.397).

Enfim, no diálogo com as realidades, o presente texto faz-se relevante, devido ao fato de problematizar, pela literatura, representações que envolvem uma parcela da população, vítima de vários aspectos da violência. Trata-se de olhar, criticamente, para uma infância e uma juventude desamparadas, tanto pela família, quanto pelo Estado, sem as mínimas condições estruturais e que, ainda assim, quando visível, sofre com preconceitos e estigmas.

REPRESENTATIONS IN THE MARGIN OF THE PROMISING FUTURE: VIOLENCE, CHILDREN AND YOUNG PEOPLE IN SAND CAPTAINS

ABSTRACT

This text aims to point to some reflections, quite problematization of violence in Jorge Amado 's Captains of Sand, looking for a closer look at his approach to childhood and youth, read in the representations of the aforementioned fictional universe. In the face of the relations established between the characters, throughout the work, aspects of violence are observed, in the physical, verbal and psychological typologies practiced against the children's childhood and youth, which, in turn, also end up practicing violence against society. Situated on the margin, the characters offer us possibilities of analysis, whose understanding extrapolates gratuity, with the purpose of problematizing reality,

from the literature. The relevance of the reflection around the concept of violence is linked here to the search to broaden the reader's view, regarding the relations between characters, established in Captains of Sand.

Keywords: Representations. Violence. Childhood. Youth..

REFERÊNCIAS

- AMADO, Jorge. **Capitães da areia**. 121 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- BOTOSO, Altamir; PAULETTI, Hicléa Luzia Costa Ton. Adolescência e marginalização em Capitães da areia, de Jorge Amado. **Fólio – Revista de Letras** Vitória da Conquista v. 4, n. 1 p. 77-97 jan./jun. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/908-4158-4-PB.pdf> Acesso em 03 de maio de 2017.
- CARVALHO, Claudia Maciel. Violência infanto-juvenil, uma triste herança. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya (Org.). **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010, p.30-43. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/violencia.pdf >. Acesso em 11 mar 2017.
- CHAUÍ, Marilena. **Contra a violência**. <Disponível em: <<http://esmec.tjce.jus.br/wp-content/uploads/2011/06/contra-a-violencia-marilena-chauí.doc>> Acesso em: 17 abr 2017.
- MACHADO, Josiel Artigas, SANCHES, Mario Antônio. A Gênese da Violência Infantil. **Caderno Teológico da PUCPR**, Curitiba. V.2, N.1, 2014, p.173-189.
- MELO, Mario Cesar Miranda. **As Crianças Invisíveis na Literatura Brasileira: Meninos de rua, na rua e outras crianças em situação de risco**. (2009). Disponível em : <http://scholarsarchive.byu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=2958&context=etd > All Theses and Dissertations. Paper 1959.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000. Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro).
- MORAES, Douglas Braida de; MELO, Milena Martini de. **Crianças na escuridão: literatura e realidade em um Brasil de abandono**. XIII Seminário Internacional. Demandas Sociais e Políticas Públicas na Sociedade Contemporânea (2016). Disponível em: <<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidspp/article/viewFile/15795/3694>> . Acesso em: 09 de abril de 2017.
- PEREIRA, Valéria. Dados para o subsídio a práticas da leitura de literatura na escola: um “círculo de leitura”. **Contexto**. PPGL/UFES- julho de 2015.
- RABELO, Janaina da Silva; NASCIMENTO, Maria Daniele Silva do. **Adolescentes em conflito com a lei na obra Capitães da areia de Jorge Amado**.

Disponível em: <http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=e0d1b5ce9153ef87>.
Acesso em 19 de abril de 2017.

SUDBRACK, Aline Winter. As vítimas do ódio: violência, estado e vulnerabilidade social no Brasil. In: ALMEIDA, Maria da Graça Blaya. (Org.). **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: 2010. p.111-120. Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/violencia.pdf> >. Acesso em 11 mar 2017.